



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 9, Nº 1, 2024, P. 272-295
ISSN: 2448-2390

Catherine Malabou e a plasticidade: um motivo filosófico para o mundo contemporâneo*

Catherine Malabou and Plasticity: A Philosophical Motif for the Contemporary World

DOI: 10.20873-rpvn9v1-13

Ainhoa Suárez Gómez

E-mail: ainhoasuarezgomez@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1402-5052>

Resumo

Este artigo analisa o conceito de plasticidade da filósofa francesa Catherine Malabou num diálogo transdisciplinar entre filosofia, neurociência e psicanálise, tal como apresentado nos seus livros *Que faire de notre cerveau ?* (2004), *Les Nouveaux Blessés. De Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains* (2007) e *Ontologie de l'accident. Essai sur la plasticité destructrice* (2009). O levantamento destas obras nos permite situar o pensamento de Malabou no quadro de uma reflexão materialista que explora a ligação (problemática) entre corpo e mente, ou, mais precisamente, entre cérebro e psique. Argumenta-se que a sua proposta, a partir de uma crítica ao imperativo capitalista que exige uma flexibilidade incessante dos indivíduos, a partir de uma reflexão sobre as consequências identitárias dos acidentes vasculares cerebrais, oferece uma resignificação radical do sujeito contemporâneo, sugerindo, ao mesmo tempo, formas de ação destinadas a operar mudanças políticas e sociais significativas em resposta à atual crise civilizacional.

Palavras-chave

Plasticidade. Cérebro. Psique. Subjetividade. Transformação.

Abstract

This article analyses French philosopher Catherine Malabou's concept of plasticity in the transdisciplinary dialogue she establishes between Philosophy, Neurociência, and Psychoanalysis in her books *What Should We Do*

* Esta investigação faz parte do estágio de pós-doutoramento realizado no âmbito do Programa de *Becas Posdoctorales de la Unam* (postdoc) no Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades (CEIICH) sob a supervisão da Dra. Maya Aguiluz Ibarguen. A versão original em espanhol está publicada em *Interpretatio. Revista de Hermenéutica*, v. 9, n. 2. 2024. A própria autora realizou a tradução para o português.

with Our Brain? (2004), *The New Wounded: From Neurosis to Brain Damage* (2007), and *Ontology of the Accident. An Essay on Destructive Plasticity* (2009). The survey of these works allows me to situate Malabou's philosophy within the framework of a materialist thinking that touches on the (problematic) link between body and mind or, more precisely, between brain and psyche. It argues that her proposal, be it from the critique of the capitalist imperative that demands incessant flexibility from individuals, or from the reflection on the identity consequences of cerebrovascular accidents, offers a radical resignification of the contemporary subject, suggesting forms of action intended to effect significant political and social changes in response to the current global crisis.

Keywords

Plasticity. Brain. Psyche. Subjectivity. Transformation.

Em 1967, Jacques Derrida afirmava que o conceito de escrita constituía uma parte substancial do paradigma de interpretação do real. Em *De la grammatologie*, a sua obra mais citada, apresenta alguns exemplos para apoiar a sua posição. Entre eles, o desenvolvimento das teorias da informação que dariam mais tarde origem à cibernética, que falava de um princípio de codificação e de comunicação da informação em sistemas complexos, bem como da descoberta da base hereditária do DNA, capaz de transmitir o código genético inscrito numa célula para outra (JOHNSON, 2009, p. 3). Apesar de diferentes, estes domínios baseiam as suas propostas em conceitos como código, inscrição e programa. A utilização cada vez mais generalizada destes termos revela que a “era da escrita” está de fato em pleno desenvolvimento (DERRIDA, 1971, p. 37)¹.

Quase quatro décadas depois, Catherine Malabou contesta o primado desta atmosfera escriturística, afirmando que, no século XXI, o conceito de plasticidade tem um potencial muito maior para se tornar “o motivo formal que domina a interpretação e a ferramenta exegética e heurística mais produtiva do nosso tempo” (MALABOU, 2008, p. 119). Prova disso, afirma, é a presença do termo em domínios como a biologia, onde se fala de plasticidade (fenotípica), entendida como a capacidade dos organismos vivos de modificarem a sua forma em função de situações específicas; na neurociência, onde cresce o número de investigações sobre o poder de adaptabilidade do sistema nervoso central, e do cérebro em particular – a sua neuroplasticidade; na medicina

¹ Estas e todas as passagens citadas são traduções da autora.

reconstrutiva e estética, domínio no qual os métodos e o alcance da cirurgia plástica não param de se multiplicar; bem como nas artes plásticas, onde se assiste a uma renovação incessante da expressão estética baseada na modelação da matéria.² Para Malabou, estes exemplos mostram que, atualmente, os motivos plásticos que apontam para um regime de constante transmutação da forma – seja ela de constituição orgânica ou inorgânica – tendem a substituir os motivos gráficos que prevaleceram durante a segunda metade do século passado (MALABOU, 2008, p. 128). Assim, situando-se naquilo a que chama o “crepúsculo da escrita”, defende que, se na época a presença de referências escriturais levava à criação de um esquema gramatical, a situação atual exige a construção de um esquema plástico sob o qual se aglutinam esses significados que hoje permeiam a cultura; um esquema capaz de discutir e desenvolver uma epistemologia crítica que considere o fenômeno da trans(formação) e deformação da matéria tanto ao nível do dado empírico como ao nível da questão filosófica.

Neste artigo, se analisa o desenvolvimento do conceito de plasticidade no pensamento de Malabou em um campo específico e recorrente no seu *corpus* filosófico: o do encontro entre filosofia e ciência, em particular a neurologia. Um encontro que é central nas suas obras *Que faire de notre cerveau ?* (2004), *Les Nouveaux Blessés. De Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains* (2007) e *Ontologie de l'accident. Essai sur la plasticité destructrice* (2009)³. Três obras que mostram o seu esforço para elaborar, a partir de uma orientação materialista inovadora, uma proposta filosófica capaz de oferecer uma ressignificação radical do sujeito contemporâneo e, com ela, colocar em circulação novas perspectivas capazes de operar uma mudança política e social no nosso contexto atual.

² Ver o livro compilado por Malabou (2000) sobre a plasticidade com contribuições de vários domínios, como a filosofia, as ciências e as artes.

³ Utilizo neste artigo as versões espanholas dessas obras.

Uma reviravolta para a desconstrução da subjetividade

Malabou parte de uma definição geral e tripartida de plasticidade, um termo herdado do grego *Plassein* (moldar), que se refere 1) à capacidade de um material ser suscetível de mudar de forma, como a cera que é maleável; 2) à capacidade de moldar um material, como a cirurgia e as artes plásticas em que se molda um corpo ou um objeto; e 3) alude às palavras francesas *platíplace* (fazer explodir) e *plastiquer* (explodir), à substância criada a partir da nitroglicerina, o composto da dinamite, capaz de provocar violentas detonações (MALABOU, 2010, p. 88).

Uma das particularidades do conceito de plasticidade de Malabou é o fato de estar sujeito ao mesmo regime de mutabilidade que ele representa e através do qual a filósofoa analisará o real. Ou seja, a plasticidade é concebida como uma propriedade da matéria e, simultaneamente, como a própria natureza da ferramenta heurística através da qual apreenderá essa matéria. Trata-se, pois, de uma “plasticidade da plasticidade”, como define Christopher Watkin, cuja marca distintiva face ao projeto derridiano de que é herdeira se joga não apenas no modo como aponta para processos de constante transformação, mas também na sua “auto-reflexividade formal”: “[A] Plasticidade plasticiza-se a si própria. A desconstrução não se desconstrói a si própria” (WATKIN, 2016, p. 91-92). Isto permite a Malabou viajar conceitualmente da plasticidade, da dialética hegeliana à da mudança na filosofia de Heidegger; da plasticidade do cérebro à da identidade, dos afetos e do gênero, entre outras.⁴ Diversas plasticidades que obrigam a pensar o seu conceito orientador de um ponto de vista múltiplo, plural, sempre sujeito à sua própria mutação.

A contextualização do pensamento de Malabou pode ser enriquecida ligando-o não só à desconstrução, mas também ao movimento contemporâneo do(s) “novo(s) materialismo(s)”, ou seja, a essa grande variedade de estudos provenientes sobretudo de cruzamentos transdisciplinares que lançaram as bases de um “novo pensamento sobre a matéria e os processos de materialização”, cujo objetivo é (re)valorizar esta dimensão do real, historicamente colocada em segundo plano em

⁴ Malabou faz uma breve (auto)reflexão sobre este percurso em *La plasticidad en el atardecer de la escritura* (MALABOU, 2008). Ver também o trabalho de Joana Masó (2012).

relação a outros elementos de natureza abstrata, considerados cruciais, como o espírito, a razão ou a linguagem (COOLE; FROST, 2010, p. 2).⁵ Portanto, insistindo na necessidade de confrontar o pensamento binário moderno que se obstina em distinguir natureza e cultura, sujeito e objeto, ser humano e coisa, esta reviravolta nas ciências humanas e sociais convida-nos a dar à matéria um lugar próprio a partir do qual se concebem ações capazes de responder à crise civilizacional contemporânea (social, política, ambiental etc.). Em Malabou, é propriamente a questão da neuroplasticidade que permite aceder a uma compreensão da subjetividade a partir desta abordagem. Trata-se de uma abordagem que se inscreve numa longa genealogia sobre o problema da relação entre mente e corpo, presente há séculos no pensamento ocidental, tanto filosófico como científico. Concretamente, Malabou faz uma reflexão ontológica sobre o que constitui as dimensões do cerebral e do mental ou psíquico e, simultaneamente, defende a conceitualização da subjetividade no quadro de um “materialismo dialético” capaz de reconhecer a interdependência de ambas as esferas numa relação complexa e mutável (MALABOU, 2000, p. 11).

Esta abordagem materialista permite-nos inverter o exercício de desconstrução da subjetividade, estabelecendo uma ligação que não havia sido levantada anteriormente por razões históricas, ligada ao desenvolvimento relativamente recente das descobertas neurocientíficas mais significativas. Com efeito, Watkin argumenta que para Malabou a posição de Derrida, bem como a de outros contemporâneos seus, dentre os quais Michel Foucault, são limitadas a este respeito, enquanto revela certo desprezo pelas ciências, encarando-as como gestos de controle e normalização (WATKIN, 2016, p. 96).⁶

Contrariamente a esta tendência, Malabou insiste na pertinência de uma análise pormenorizada das possibilidades emancipatórias, bem como dos limites da plasticidade neuronal. A filósofa baseia-se em um princípio biológico segundo o qual o cérebro não é nem uma máquina

⁵ Ver também a introdução de Brenna Bhandar e Jonathan Goldberh-Hiller, em *Plastic Materialities: Politics, Legality, and Metamorphosis in the Work of Catherine Malabou* (2015).

⁶ Gustavo Bustos Gajardo (2020, p. 251-276), por outro lado, nota que na escrita de Derrida há um pensamento de materialidade que, embora não seja evidente a olho nu, pode ser encontrado em noções como átomo, vazio e movimento.

computacional pré-programada nem um órgão rígido e geneticamente determinado, como se defendia antigamente, mas o local de confluência, por um lado, de processos biológicos dados sem intervenção humana consciente e, por outro, de processos de moldagem desencadeados pela utilização – ou falta dela – de certas conexões neuronais. Seguindo a obra de Marc Jeannerod, em particular *Le Cerveau Intime (O Cérebro Íntimo, 2005)*, Malabou explica que os avanços científicos das últimas décadas mostraram que, se há um certo número de ações nos quais o sujeito não tem nenhuma interferência, existem também ações que desencadeiam uma (auto)modelação progressiva das redes neuronais que tem origem na experiência do sujeito. Em suas palavras:

É claro que algumas estruturas anatômicas do cérebro estão geneticamente programadas, mas uma parte importante da organização neural está aberta a influências externas e desenvolve-se de acordo com essas influências ou interações. Isto significa que uma parte importante da estrutura do cérebro depende do seu modo de vida e da sua experiência. A história está inscrita no biológico. É este o significado de “plástico” quando aplicado ao cérebro (MALABOU; VAHANIAN, 2008, p. 8).

Reconhecer esta dimensão plástica da vida cerebral é aceitar que existe o potencial que pode (auto)esculpir parte da identidade do sujeito. Isto leva a autora a insistir na necessidade de exercitar uma “consciência do cérebro” que, como se verá adiante, contempla a existência de uma margem de agenciamento através da qual reconhecemos que podemos cinzelar parte da nossa história e, assim, gerir processos de “desobediência a toda forma constituída”, ou seja, mecanismos de questionamento e desaprendizagem de modelos pré-estabelecidos que, em última instância, permitem a conquista de uma “nova liberdade” (MALABOU, 2007, p. 19-20).

Juntamente com esta possibilidade emancipatória, uma das contribuições mais significativas de sua filosofia consiste em estabelecer que a transformação não se limita a mudanças positivas, mas implica também certas limitações e, mais precisamente, certos processos de destruição da matéria. Não é por acaso que insiste em que o termo plasticidade pode referir-se à ideia de dar ou receber forma, mas também de a fazer explodir. Isto implica uma radicalização da desconstrução da subjetividade, ao exigir o reconhecimento de que a forma (cerebral e psíquica) pode ser abruptamente destruída, como nas pessoas que sofrem lesões cerebrais graves que afetam tanto a

estrutura material da sua rede neural como o desenvolvimento da sua própria identidade. De fato, Malabou ressalta:

Com a plasticidade tento mostrar [...] que o conceito de forma pensado como uma coincidência entre a emergência e a explosão da presença, abre caminho a um novo materialismo e a uma nova destituição do sujeito, iniciativas ainda mais radicais do que a desconstrução, da qual são, no entanto, herdeiras" (MALABOU, 2008, p. 7).

A plasticidade oferece, assim, um cenário onde é possível propor um novo paradigma da subjetividade contemporânea que admita tanto a sua capacidade de criação como de destruição. As seções seguintes são um percurso por estas duas vias de estudo onde o pensamento da autora tem se especializado nos últimos anos.

Agenciamento cerebral e consciência (neuro)política

“O cérebro é uma obra, e nós não o sabemos. Somos os seus sujeitos, autores e resultado ao mesmo tempo, e não o sabemos” (MALABOU, 2007, p. 7). Esta é a frase de abertura de *Que faire de notre cerveau ?*, um texto que reflete sobre a mudança revolucionária que a descoberta da estrutura do cérebro significou desde o século passado, já não como a de um órgão rígido, geneticamente predeterminado, cuja forma permanece inalterada ao longo da vida, mas como a de uma entidade plástica constantemente modelada; um órgão que modifica a sua arquitetura conforme as experiências que o afetam e que, conseqüentemente, se torna o local de inscrição da identidade de cada pessoa. O problema, diz Malabou, é que a descoberta deste funcionamento peculiar do cérebro, que “envolve a aventura e a história” de cada sujeito, não conseguiu transcender a esfera científica, deixando aqueles de nós que não pertencem a ela num lugar de estranheza em relação à nossa própria “intimidade” (MALABOU, 2007, p. 9-10).

Vejamos esta ideia em detalhes. Começemos por salientar que o motivo que leva a substituir a teoria do cérebro rígido e imutável por aquela do órgão vivente que “conta” uma história, é precisamente a plasticidade cerebral. Trata-se de uma propriedade intrínseca do sistema nervoso, que

nos acompanha ao longo da vida, e que permite ao nosso cérebro modificar a sua estrutura como o resultado de, pelo menos, três tipos de atividade neural: desenvolvimental, experiencial e reparadora.

A atividade plástica neuronal desenvolvimental tem um carácter morfogênico, ou seja, refere-se a um processo de constituição elementar que se inicia no embrião com a criação de axônios e dendritos, bem como a posterior formação de sinapses. É uma atividade que pode ser caracterizada como a mais determinista, do ponto de vista biológico, uma vez que é estruturalmente semelhante em todos os seres humanos. Fazendo eco da posição de Jeannerod, Malabou afirma que esta primeira atividade permite referir a presença de um desígnio pré-estabelecido que, após o nascimento e durante os primeiros anos de vida, passa progressivamente para segundo plano. Este plano dá lugar a uma segunda atividade neural, a da experiência, que começa a desenvolver-se à medida que a arquitetura do cérebro do recém-nascido adquire uma forma particular em função do contacto que tem com o mundo exterior. O encontro com o mundo tem um impacto direto no desenvolvimento tanto do número como do tipo de ligações neuronais. Há, como diz Malabou, uma “maturação” dos circuitos neuronais “sob o efeito do ambiente”, que lança as bases para o primeiro desenho da nossa identidade (MALABOU, 2007, p. 25-27).

Com o tempo, a plasticidade neural da experiência surge como o processo principal. Malabou regressa a Jeannerod e à teoria da eficácia sináptica para explicar o seu funcionamento. De acordo com esta teoria, se a ligação entre dois neurônios for utilizada frequentemente, o circuito aumenta de volume e de eficácia. Pelo contrário, se uma sinapse é utilizada raramente, enfraquece e torna-se menos eficaz. Isto, diz Malabou, permite afirmar a existência de uma “modelação progressiva” que ocorre com a experiência do sujeito e que explica um mecanismo de individuação radical, uma vez que, como nas impressões digitais, não há dois cérebros iguais. O que está aqui em causa é “a *identidade* do indivíduo, o passado, o ambiente, os encontros, as práticas, numa palavra, a capacidade do nosso cérebro, de *cada cérebro*, de se adaptar, de integrar modificações, de receber

impressões e de criar de novo a partir dessa recepção” (MALABOU, 2007, p. 14). Cada cérebro conta a sua própria história.

Agora, aprofundando a interrogação para a qual aponta o título da obra, é necessário perguntar o que podemos fazer com o nosso cérebro ou, por outras palavras, como podemos desempenhar um papel ativo na sua constante transformação plástica. Só aí, ao reivindicar um espaço de ação consciente, haverá uma oportunidade de agenciamento e, portanto, de mudança. O neurocientista Nazareth Castellanos, a quem Malabou não faz referência, mas que pode contribuir para enriquecer a sua proposta, oferece uma resposta: empreender uma “reconciliação com o corpo a partir do exterior, das sensações que a pele nos dá, dos gestos e da postura corporal”, permite-nos perceber que o “organismo esculpe o cérebro” e que existe uma margem de ação à qual temos acesso (CASTELLANOS, 2022, p. 14)⁷. No seu mais recente livro, *Neurociencia del cuerpo (Neurociência do corpo)*, Castellanos refere vários exemplos desta (auto)modelação a que podemos recorrer. Um deles, talvez o mais imediato, é o da respiração. Um fenómeno simples à primeira vista, mas que, quando feito de forma consciente e voluntária, como na meditação, “orienta a plasticidade neuronal para esculpir ou reorganizar a arquitetura cerebral”, deixando assim a sua “marca na atenção, na memória e na expressão das emoções” (CASTELLANOS, 2022, p. 15). Outro exemplo é o exercício físico. Seguindo os resultados de estudos recentes realizados em todo o mundo, Castellanos explica que atividades como a ioga ou o tai chi proporcionam benefícios neuronais que favorecem “os recursos cerebrais da cognição, melhorando a plasticidade, a função vascular cerebral e reduzindo a inflamação” (CASTELLANOS, 2022, p. 67).

Se Castellanos descreve estas atividades como eventos de neurogênese, Malabou fala de uma “margem de improvisação” face à determinação genética (MALABOU, 2007, p. 15; 42). Prestar atenção a esta margem é renunciar à concepção do órgão rígido e interrogar-se sobre a transição na qual o organismo deixa de ser um desenho pré-estabelecido para se tornar uma escultura a

⁷ Deste autor, veja-se também *El espejo del cerebro* (2021), que analisa as bases neuronais da meditação e os seus efeitos em processos como a atenção e a memória.

modelar. Nas palavras do neurocientista António Damásio (2002), uma das referências mais importantes de Malabou, trata-se de se interrogar sobre a transição entre o “precedente biológico pré-consciente” e o “eu”, entre o ser neuronal e o ser autobiográfico.⁸ Uma transição que, na leitura da filósofa, não se dá como uma mera adesão de uma dimensão a outra, nem como uma simples tradução de um domínio a outro, mas implica um conflito, uma tensão, uma ruptura. Como declara Malabou:

o fazer-se implica a elaboração de uma forma, de um rosto, de uma figura e, ao mesmo tempo, o desaparecimento de outra forma, de outro rosto, de outra figura, que lhes são anteriores ou contemporâneos (MALABOU, 2007, p. 80).⁹

Em outras palavras, em cada processo de transmutação da forma há um certo conflito entre estas duas dimensões: “há sempre a possibilidade de que tal traço não se torne imagem, que este ou aquele acesso nunca seja utilizado, que uma certa disposição neuronal não chegue à consciência” (MALABOU, 2007, p. 88). Malabou interpreta esta tensão como uma oportunidade para adquirir uma consciência política em relação ao nosso cérebro: é precisamente porque temos um espaço de ação, porque existe a possibilidade de favorecer que certas ligações neuronais se formem ou não, que não podemos ficar indiferentes à responsabilidade que este conhecimento implica. Não se trata apenas de reconhecer uma certa liberdade do cérebro, uma certa margem de ação, mas de refletir ativamente sobre o fenômeno para compreender as possibilidades, o alcance e os limites da nossa própria transformação.

Malabou problematiza a ideia de consciência cerebral centrando-se numa questão em particular: a da perigosa crença na plasticidade (supostamente) infinita e não conflituosa do cérebro,

⁸ Veja-se o livro de Antonio Damásio, *La sensación de lo que ocurre. Cuerpo y emoción en la construcción de la conciencia*, especialmente o capítulo intitulado “La construcción de la conciencia central” (DAMASIO, 2002, p. 175-200).

⁹ Tyler M. Williams (2013) argumenta que a “politização da neurobiologia” de Malabou é influenciada pelo trabalho de Luc Boltanski e Ève Chiapello, *The New Spirit of Capitalism*, que examina as transformações ideológicas que acompanharam o desenvolvimento contemporâneo do capitalismo e, em particular, as estratégias de “gestão” sobre a adaptabilidade e flexibilidade do trabalho, que não são diferentes dos discursos neurobiológicos sobre o funcionamento do cérebro.

e a sua similitude com a “face atual do *capitalismo*” (MALABOU, 2007, p. 17). A plasticidade, diz ela, é hoje frequentemente confundida com um dos princípios orientadores do capitalismo, o da flexibilidade, que exige a presença de sujeitos eternamente dóceis, adaptáveis a qualquer circunstância, capazes de tolerar tudo. Um princípio que, como assinala Marina Garcés, serve de base à onda de marketing cognitivo que se multiplica constantemente nas redes sociais com todo tipo de propostas para treinar e melhorar as capacidades dos nossos cérebros. Capacidades que não se traduzem necessariamente em uma vida mais empática, compassiva ou consciente da necessidade urgente de criar esquemas de verdadeira ligação comunitária, mas sim em uma vida cada vez mais apta e eficiente para cumprir os comandos do capitalismo a partir de uma visão individualista (GARCÉS, 2020, p. 84).

Sob esta concepção que confunde flexibilidade com plasticidade, opera um princípio de identidade entre as duas teorias da transformação que faz desta última sinônimo de maleabilidade infinita, de acessibilidade e, em última análise, de submissão obediente.¹⁰ A verdade é que, como já foi referido, contrariamente a este discurso, a passagem do neuronal ao mental “implica negação e resistência” (MALABOU, 2007, p. 81). Esta resistência, diz Malabou, não só não deve ser ignorada como deve ser defendida.

A resistência é o que nós queremos. Resistência à flexibilidade, a essa norma ideológica transmitida, conscientemente ou não, pelo discurso reducionista que modela e naturaliza o processo neural para legitimar um certo funcionamento social e político (MALABOU, 2007, p. 77).

O sujeito informado neurocientificamente, consciente do que o seu cérebro pode fazer, isto é, das suas potencialidades plásticas e dos processos de transformação e tensão que estas implicam, tem uma compreensão científica, filosófica e política da sua própria identidade. Uma compreensão emancipatória que lhe permite imaginar outras formas de constituir a sua história. Assim, defende Malabou, a partir do momento em que tomamos consciência das descobertas da

¹⁰ Renata Prati (2019) sugere que este diagnóstico crítico do mundo contemporâneo em que o motivo da flexibilidade é relevante está também presente nas obras de Franco “Bifo” Berardi, nomeadamente em *Fenomenologia do Fim* (2017)..

neurociência, podemos começar a desarticular as representações estagnadas do cérebro rígido e imutável, que são, ao mesmo tempo, representações estagnadas da nossa subjetividade.¹¹

Recapitulemos um pouco. Anteriormente, referimo-nos à plasticidade desenvolvimental, que lança as bases do design neural precoce. Ulteriormente, analisamos de forma mais pormenorizada a plasticidade de modulação, sendo aquela que modifica, não sem algum conflito, a forma do cérebro conforme a experiência de cada sujeito. Devemos agora acrescentar um terceiro tipo de plasticidade que se refere à capacidade de (auto)reparação do cérebro. Malabou aponta aqui dois processos: o da renovação neuronal, que permite a criação de novos neurônios ao longo da nossa vida, e o da compensação neuronal, que ocorre em função de certos déficit perante os quais o cérebro mobiliza uma capacidade de cura e de compensação. Veja-se o caso de uma pessoa destra que, na sequência de uma lesão na mão direita, gera novos mapas neuronais que, por compensação, lhe permitem desenvolver novas capacidades motoras na mão esquerda. Malabou, seguindo Jeanne-rod, fala de um remapeamento, de uma (re)criação de circuitos alternativos (neuronais, motores e nervosos) que, em uma situação normal, não se teriam desenvolvido por serem desnecessários. Esta reorganização revela a plasticidade (auto)reconstrutiva das redes neuronais. Como sublinha Malabou: “a arte plástica do cérebro ilumina uma estátua capaz de se reparar a si própria” (MALABOU, 2007, p. 35).

Ora, se é verdade que o exame da capacidade de modificação constante do cérebro, seja por razões desenvolvimentais, experienciais ou reparadoras, implica um ato de agenciamento e, portanto, a criação de uma consciência (neural) emancipatória, da mesma forma verossimilmente se deve questionar os limites dessa mesma capacidade. Ou seja, questionar os limites da plasticidade neural, sobretudo neste último caso, o da (auto)reparação, é outra forma de bloquear a ideologia da flexibilidade. Não fazer isto seria deixar de fora que há certas lesões que são irreparáveis ou incompensáveis. Malabou é enfática neste ponto quando apela ao enquadramento da plasticidade

¹¹ Francis Russell (2020) discute a dimensão política que acompanha esta interpretação da subjetividade no quadro daquilo a que chama uma política progressista no artigo "Brain Power: Cruel Optimism, and Neuro-liberalism in the Work of Catherine Malabou".

em um esquema que reconhece a mudança constante, mas se opõe ao “poliformismo excessivo”, à maleabilidade infinita (MALABOU, 2007, p. 77). Reconhecer a negatividade constitutiva da plasticidade, ou seja, falar da capacidade de dar e receber forma, mas também de a destruir, de a fazer explodir, como indica o terceiro sentido do termo que a filósofa recupera, é dar conta de todo o cenário. Este é o problema central que aborda em *Les Nouveaux Blessés* e em *Ontologie de l'accident*, os dois livros que dão continuidade à sua exploração materialista da subjetividade a partir do diálogo entre a filosofia e a neurociência.

Plasticidade destrutiva ou teatro do absurdo

A estruturação de *Les Nouveaux Blessés* e *Ontologie de l'accident* é, na realidade, a viagem conceitual de regresso sobre a ligação entre o neural e o mental feito anteriormente. Aqui, ao contrário do que acontecia em *Que faire de notre cerveau ?*, a atenção concentra-se na capacidade destrutiva da plasticidade, fenômeno cerebral que, como Malabou insiste em várias ocasiões, não é habitualmente problematizado. Ela de fato escreve:

Abandonado pela psicanálise, ignorado pela filosofia e sem nome próprio na neurologia, o fenômeno da plasticidade patológica, de uma plasticidade que não se repara, de uma plasticidade sem compensação nem cicatriz, que corta o fio de uma vida em dois ou em muitos segmentos que nunca mais se encontrarão, tem, no entanto, uma fenomenologia própria, que é preciso descrever (MALABOU, 2022, p. 14).

Esta fenomenologia baseia-se na ideia de que, no decurso natural de uma vida, as mudanças biológicas e biográficas, ou seja, as modificações neuronais e mentais, deixam uma marca na identidade do sujeito sem a transformar na sua totalidade. No entanto, há ocasiões em que essa transformação é absoluta, “o caminho bifurca-se e uma personagem nova e inédita coabita com a antiga e acaba por tomar o seu lugar” (MALABOU, 2022, p. 11). Como acontece com Gregory Samsa, o personagem de Franz Kafka a que a filósofa volta várias vezes no seu *corpus*¹². Trata-se de situações

¹² Tyler M. Williams estuda as referências literárias que Malabou utiliza para se referir à dimensão destrutiva da plasticidade. Para a autora, não é mera coincidência que, depois de apresentar o tipo de problemas neurológicos que esta

insólitas, impensáveis, desprovidas de qualquer ligação com a história do sujeito, em que surge simultaneamente uma des/reorganização neuronal e uma mutação da sua identidade. Acidentes hermeneuticamente inapreensíveis que, como afirma Malabou seguindo a posição de Damásio, transcendem a velha distinção entre patologias do cérebro e patologias da mente, e convidam-nos a alargar os nossos conceitos de lesão cerebral, sofrimento psíquico e trauma.¹³

Começamos por identificar aquilo a que Malabou chama os “novos feridos”. A filósofa propõe três categorias para pensar as pessoas que podem sofrer este tipo de acidente: a) as que foram vítimas de destruição do seu tecido cerebral devido a lesões orgânicas, tumores ou doenças neurodegenerativas; b) as que sofreram uma brutal violência física externa, como as vítimas de atentados terroristas ou catástrofes naturais; e c) as que sofreram uma violência sócio-simbólica, como na exclusão social com base na raça, gênero ou ideologia. Slavoj Žižek explica que todos estes sujeitos sofreram um acidente duplamente traumático: por um lado, a sua causa é totalmente irracional, uma vez que, em si mesmo, o acontecimento não tem significado em relação à história da vítima, ou seja, não faz parte do seu passado, não está escondido no interior da sua biografia; por outro lado, a sua consequência é também insólita, uma vez que a lesão acarreta a destruição da “textura simbólica da identidade do sujeito”, levando a uma transformação completa e, em última análise, à destruição da personalidade do sofredor (ŽIŽEK, 2009, p. 125). Malabou explica-o nos seguintes termos:

Um traumatismo crânio-encefálico, uma catástrofe natural, um acontecimento brutal, súbito e cego não podem, por definição, ser reintegrado *a posteriori* numa experiência. Estes acontecimentos são puras forças de impacto, que rasgam e perfuram a continuidade subjectiva e não permitem nenhuma justificação ou repetição na psique. Como interiorizar um traumatismo crânio-encefálico? Como falar do déficit emocional quando as

transformação neuronal acarreta, Malabou procure dar sentido ao acidente referindo-se a pensadores como Ovídio, Franz Kafka, Marcel Proust, Marguerite Duras e Maurice Blanchot, entre outros. Ver o seu já referido artigo "Plasticity, in Retrospect", bem como a sua entrevista a Malabou intitulada "The Example of Plasticity", em Catherine Malabou, *Plasticity. The Promise of Explotion* (Edimburgo, Edinburgh University Press, 2022), 309-319.

¹³ Damásio (2018, p. 80), em seu famoso livro *El erro de Descartes*, afirma que, atualmente, a velha distinção entre doenças neurológicas e psicológicas é inoperante e constitui antes um sinal de "ignorância básica da relação entre cérebro e mente".

palavras para o dizer devem ser trazidas pelos afetos cuja ausência aqui assinalamos? (MALABOU, 2022, p. 29).

Continuemos com as questões fundamentais: o que permite criar uma categoria tão ampla de acidentado? Malabou, seguindo de perto a teoria de Damásio sobre o cérebro como um sítio simultaneamente racional e afetivo, explica que todos os acidentes acima mencionados têm um impacto que perturba tanto a dimensão cerebral como a dimensão psíquica do sujeito. Para ela, mesmo nos casos em que a ferida é uma lesão física, há uma reorganização neuronal que provoca transformações no centro do “eu” (MALABOU, 2018, p. 91). Todo o trauma, insiste, tem consequências na cartografia do cérebro, nomeadamente nos espaços ligados à emoção.¹⁴ Por isso, uma das características comuns a estas novas vítimas é o desenvolvimento de um déficit emocional, ou seja, uma perda de vitalidade que se manifesta mediante uma certa frieza, de uma indiferença marcada ou de uma atitude positiva exacerbada e por vezes ingênua, que dá origem a uma deslocação afetiva difícil de evitar na vida quotidiana.

Ora, a capacidade de aniquilação inerente à plasticidade permite a Malabou, por um lado, propor uma extensão do conceito tradicional de lesão cerebral a acontecimentos psíquicos capazes de efetuar uma reorganização neuronal e, por outro lado, alargar também o conceito psicanalítico freudiano de trauma a acidentes materiais e orgânicos que não estão ligados à vida passada da pessoa lesada e que, no entanto, geram um sofrimento profundo. Neste ponto, Malabou chama a atenção para uma nova forma de trauma que, ao contrário do que preconiza Freud, não é um caso reprimido, relegado ou escondido. Trata-se, diz ela, de “modos de ser sem genealogia”.¹⁵

Dois exemplos ilustram a sua posição. O primeiro é o de Phineas Gage, um capataz de estradas-de-ferro que, em 1848, sofreu um grave traumatismo craniano que provocou danos

¹⁴ No corpus de Damásio, o estudo da ligação entre o cérebro e as emoções é recorrente, como se pode ver no já citado *El error de Descartes* (2018), bem como em *En busca de Spinoza: Neurobiología de la emoción y los sentimientos* (2005), e *Sentir y saber: El camino de la conciencia* (2021).

¹⁵ Sobre o conceito de trauma de Malabou, veja-se o sugestivo trabalho de Rasmus Sandnes Haukedal (2020) em que compara a proposta da filósofa com a visão da patologia de Georges Canguilhem presente sobretudo em *O Normal e o Patológico* (1966).

significativos no córtex pré-frontal, mas que, em poucos meses, conseguiu recuperar. O neurologista John Martyn Harlow, um dos primeiros estudiosos do caso, cunha uma das frases mais citadas na literatura especializada, que estipula que, apesar da enigmática recuperação física de Gage, o seu comportamento social e afetivo foi completamente transformado: “Gage já não era mais Gage” (Harlow, 1869, p. 14).¹⁶ O capataz torna-se outra pessoa. Para Malabou, o caso é paradigmático porque mostra que a lesão física, completamente aleatória, tem fortes sequelas psíquicas na vida da vítima; sequelas que não faziam parte da sua história, que quebram a sua antiga unidade narrativa para dar lugar a uma nova genealogia pessoal. São, como bem refere Žižek, violentas “intrusões sem sentido do real” (ŽIŽEK, 2009, p. 126).

O segundo caso analisado, que confere um tom afetivo ao enredo, é o desenvolvimento da doença de Alzheimer na avó de Malabou. Uma doença que “opera” nela até transformá-la em uma espécie de “escultura” nova, totalmente diferente (MALABOU, 2018, p. 12). Uma escultura indifferente não só ao que a rodeia, mas também à sua própria doença. Para além da fenomenologia já delineada para o caso de Gage, outro elemento crucial é aqui evidente, o da frieza e da ausência de afeto. Gestos que, segundo Malabou, revelam a total falta de sentido das feridas para a própria vítima e mostram o imponente “poder destrutivo metamórfico” do acidente (MALABOU, 2018, p. 97). É esta ausência de sentido, esta estranheza que a própria vítima tem da sua condição, que lhe permite insistir na necessidade de alargar o conceito de trauma no pensamento freudiano, que pode confirmar que, mesmo nos casos devastadores em que se verificam estas “ausências ou suspensões do eu”, existe ainda um psiquismo latente.¹⁷ Ao contrário das referências de Freud na sua obra clínica, o acidente a que Malabou se refere abre a possibilidade de reconhecer um novo sujeito sofredor que pode “sobreviver à ausência de sentido dos seus acidentes”. Assim, a filósofa estipula que a

¹⁶ Ver a importante análise histórica deste caso clínico em Malcolm Macmillan (2000).

¹⁷ Há um motivo semelhante a este tipo de experiência, em que o corpo parece virar-se contra si próprio, no relato de Jean-Luc Nancy sobre a sua própria experiência de receber um transplante de coração. Veja-se Jean-Luc Nancy (2006). Escrevi um pequeno ensaio comparando as posições de Nancy e Malabou para a revista *Nexos* intitulado “Reflexões sobre um corpo estranho: Nancy e Malabou”, publicado em 3 de fevereiro de 2019. Consulte: <https://discapacidades.nexos.com.mx/reflexiones-sobre-un-cuerpo-extrano-nancy-y-malabou/>.

sua presença no contexto contemporâneo exige a construção de um novo regime etiológico, o da cerebralidade.¹⁸

O termo *cerebralidade* é um neologismo cunhado por Malabou que nos permite identificar duas economias ou modos de representação do psiquismo. Uma, a economia da sexualidade, própria do regime etiológico proposto por Freud sobretudo em *Para Além do Princípio do Prazer*, cuja forma de conceptualizar o trauma é dotá-lo de uma essência histórica. Desta economia deriva, por um lado, a ideia de que o acidente tem sempre uma razão de ser e que esta está, de resto, ligada a perturbações sexuais ou “vicissitudes da libido”, como lhes chama Žižek (2009, p. 127)¹⁹. A esta economia contrapõe-se a da cerebralidade, que não parte de um conflito recalcado, mas pensa o trauma em termos de acidentes hermeneuticamente inapreensíveis que apontam para a possibilidade de a vítima experimentar uma ausência de sentido do acontecimento e, em última análise, uma ausência de si. Para Malabou, a identificação deste segundo regime etiológico não implica a negação do primeiro, mas reconhece que existe atualmente uma forma de destruição psíquica diferente daquela que a psicanálise freudiana concebeu há mais de 100 anos, em que o dano cerebral provoca o dano emocional e vice-versa; em que “o dano cognitivo e o dano emocional ... nunca existem um sem o outro” (MALABOU, 2018, p. 27)²⁰.

O exercício de alargamento conceptual capaz de compreender as formas contemporâneas de sofrimento não se esgota aqui. Para Malabou, o reconhecimento da dimensão negativa da plasticidade é muitas vezes pouco tematizado também na investigação neurológica. Tal como no caso de Freud, reconhece os esforços de figuras como Alexander Luria, Mark Solms e Oliver Sacks, neurologistas de renome que, no seu trabalho clínico, se voltaram não só para a investigação médica,

¹⁸ Uma das críticas a Malabou delineadas tanto por Žižek como por Catherine Kellogg aponta para o facto de que na psicanálise de Lacan – e não na de Freud – é possível encontrar fundamentos para pensar a experiência do sujeito morto-vivo que está subjacente ao conceito de novo ferido. Veja-se Žižek (2009), bem como o texto de Kellogg (2012).

¹⁹ Veja-se também Kellogg (2012, p. 111).

²⁰ Sobre estas duas formas de compreender o psiquismo e a sua ligação ao trauma, veja-se Prati (2019, p. 47-75).

mas também para a narração da vida dos seus pacientes²¹. O texto emblemático desta tradição, que Malabou descreve como a dos “romances neurológicos”, é *The Man Who Mistook His Wife for a Hat* (1985), de Sacks. Uma obra que descreve vários casos clínicos de pacientes com doenças como a agnosia visual (incapacidade de reconhecer objetos e rostos), a amnésia anterógrada (incapacidade de criar novas memórias) ou a afasia (incapacidade de produzir ou compreender linguagem), entre outras. Com um estilo que entrelaça tanto a análise da situação cerebral do doente como o desenvolvimento da sua vida quotidiana, os textos da tradição personificada por Sacks mostram como, perante a falta de sentido do acidente, a literatura parece oferecer uma saída. Jesús Ramírez-Bermúdez, que, embora não seja mencionado pela filósofa, pode ser considerado um continuador deste tipo de escrita no contexto hispanófono, explica-o bem quando afirma que a literatura se torna uma tentativa de “organização cognitiva e emocional”, uma forma de “simbolização do sofrimento” que, de algum modo, torna apreensível aquilo que resiste à interpretação; aquilo que, em termos coloquiais, poderíamos dizer que não tem razão de existir (RAMÍREZ-BERMÚDEZ, 2022, p. 139, 69).

As obras destes autores oferecem para um público não especializado um vocabulário e uma abordagem mais compreensíveis da fenomenologia do acidente e do trauma que este produz. No entanto, Malabou critica esta literatura clínica por certa tendência – que também identifica em Freud – de não conseguir resistir ao desejo de sentido. “Apesar de tudo, há em Sacks [para dar um exemplo] uma *confiança na doença* que sustenta, paradoxal, mas logicamente, a confiança na medicina e na própria terapia” (MALABOU, 2018, p. 287). Por meio de uma análise cuidadosa de vários textos do neurologista, Malabou revela a presença de uma tendência para pensar na capacidade dos recém-feridos para lidarem com a sua ferida, para criarem uma nova vida após o acidente²².

²¹ Entre outros: Oliver Sacks, *El hombre que confundió a su mujer con un sombrero* (2002) e *La isla de los ciegos al color* (1999); Alexander R. Luria, *El hombre con su mundo destrozado. Historia de una lesión cerebral* (2018) e *Pequeño libro de una gran memoria: la mente de un mnemonista* (2009); Mark Solms e Oliver Turnbull, *El cerebro y el mundo interior* (2005).

²² O trabalho de Jesús Ramírez-Bermúdez, *Un diccionario sin palabras y tres historias clínicas*, é particularmente relevante – e comovente – sobre este dilema médico entre o choque da plasticidade negativa e as possibilidades de

No entanto, este gesto, insiste, escamoteia o cerne do problema que aborda, o da existência de uma plasticidade negativa e destrutiva, incapaz de se reparar a si própria. Nos romances neurológicos, diz ela, “o negativo não está suficientemente presente” (MALABOU, 2018, p. 288).

Há feridas, como a doença de Alzheimer, que não têm retorno. O que fazer nestes casos? Malabou permanece no campo da literatura, mas não no da história do sofrimento, e sim no teatro do absurdo, típico de figuras como Samuel Beckett, Eugene Ionesco e Jean Genet. Um teatro no qual a ausência de enredo, as transformações fortuitas das personagens, o aparecimento de situações cíclicas e reiterativas, a sensação de total estranheza por parte de quem assiste ao espetáculo – o famoso efeito de alienação ou distanciamento – são comuns. São peças em que o pensamento racional é, como refere Martin Esslin (1966), simplesmente inútil. É aqui que Malabou (2018, p. 100) encontra a “retórica mais adequada” para exprimir a “dor cerebral”.

O teatro da ausência é a expressão privilegiada do aparelho afetivo e da metamorfose destrutiva. A sua retórica é nada mais nada menos do que a da interrupção, da pausa, da cesura, dos espaços em branco, aquilo que se produz quando a rede de ligações é desfeita, a circulação de energia paralisada. Um tal teatro é aquilo a que Deleuze chama o “teatro da identidade esgotada”. É o possível que nasce após o esgotamento do possível (MALABOU, 2018, p. 101).

O cansaço e a dor a que Malabou se refere são captados numa peça paradigmática do gênero, *Happy Days* (1960) de Beckett, cujo enredo diz respeito a uma mulher, Winnie, que se encontra enterrada em um monte de areia durante os dois atos da peça. Apesar da sua situação estranha e difícil, Winnie mantém uma atitude extremamente alegre durante o seu monólogo, caracterizado por frases repetitivas e desconexas. Enquanto fala, realiza atividades que poderiam ser consideradas banais: dialoga com o seu marido Willie, que se encontra junto ao monte, tira objetos da sua mala, como uma escova de dentes e um batom, entre outros. A estes objetos junta-se mais tarde

encontrar alguma melhoria nos pacientes, ou o que ele chama de “sentimento de fé clínica”. O autor apresenta dois casos complexos de pacientes com lesões cerebrais graves que transformaram radicalmente as suas vidas, e que dão conta do deserto afetivo que se inicia após o acidente, bem como das graves consequências sociais do trauma que também afetam a vida dos que acompanham o acidentado. Ramírez-Bermúdez, *Un diccionario sin palabras y tres historias clínicas* (2016).

uma pistola que a protagonista não usa, nem explica a razão da sua existência. À medida que a peça avança, Winnie mostra sinais de um certo desespero, mas este é rapidamente eclipsado pelo seu júbilo incessante. É Willie, por outro lado, que, mediante gestos que evocam uma certa derrota, uma certa incapacidade de tocá-la – tanto no sentido literal como metafórico – sugere que este pode não ser “mais um dia feliz”, como ela afirma.

A similaridade entre a personagem de Beckett e o novo ferido permite-nos pensar na existência de sujeitos cujas vidas são progressivamente reduzidas a algumas frases, cuja margem de movimento é também restrita, como evoca o monte do protagonista de *The Happy Days*, e para os quais a sua condição dramática é e continuará a ser desconhecida. Winnie personifica essa “dor que se manifesta como indiferença à dor, impassibilidade, esquecimento, perda de referentes simbólicos” que nos convida a pensar em uma plasticidade destrutiva sem redenção (MALABOU, 2018, p. 22).

O que resta, então, perante este cenário desolador? Em primeiro lugar, reconhecer que existe uma nova categoria de sujeito no nosso contexto contemporâneo que ainda não foi totalmente problematizada pela filosofia, pela neurologia ou pela psicanálise, em grande parte devido aos avanços científicos que permitiram continuar a explorar o cérebro, bem como os cruzamentos inter e transdisciplinares entre estas áreas de estudo. Em resposta ao alargamento do campo, é necessário lutar pela categoria dos recém-feridos, uma vez que, de fato, esta convida à reflexão sobre a dor cerebral. Pensar sobre esta condição e não apenas medicar as vítimas para imaginar aquilo a que Malabou chama uma “clínica do porvir” (MALABOU, 2018, p. 323). Uma clínica que insiste na vulnerabilidade e na fragilidade do cérebro a partir da confluência de diferentes discursos. Uma clínica que reconheça, sem cair perpetuamente no sonho da redenção, a dimensão negativa da plasticidade. Uma clínica que perceba que hoje a fronteira entre traumatismos orgânicos e sócio-políticos é tênue. Não é por acaso que Malabou afirma, com a assertividade característica do seu estilo, que “a guerra social pode ter a mesma força de impacto que um traumatismo cerebral, e que a violência da guerra pode atingir como uma bala ou uma barra de ferro” (MALABOU, 2018, p.

249). Hoje, qualquer um de nós, qualquer um de nós, pode tornar-se uma nova vítima. O acidente é uma possibilidade latente.

Quando não há possibilidade de regresso, porque a viagem de volta a essa biografia conhecida foi apagada pela destruição simultânea da cartografia orgânica e psíquica, o que resta, diz Malabou, é a ternura. Esta surge como uma forma de assistência ao ferido que experimenta, sem o apreender completamente, a sua própria ausência. Talvez devêssemos também acrescentar à proposta de Malabou, em uma tentativa de exercer o “poder da doçura” de que fala Anne Dufourmantelle, que a compaixão também permanece para aqueles que acompanhamos em novas feridas. A ternura e a compaixão seriam, assim, uma espécie de nado contra a corrente da frieza e da “paralisia do toque” tão características do nosso tempo.

Considerações finais

O cérebro é uma entidade plástica. Um local de constantes e incessantes transformações e deformações. O fascínio que a sua natureza mutável despertou no nosso tempo talvez tenha transformado, como sugere Malabou, o termo plasticidade em um paradigma de interpretação do mundo atual. Sob este regime de transmutação da forma, a aventura de Malabou, intrépida na exploração de terrenos que ultrapassam a filosofia, oferece elementos sugestivos para efetuar uma ressignificação da(s) ideia(s) do sujeito contemporâneo. Uma ressignificação capaz de ter em conta, a partir da intimidade do cérebro, tanto as liberdades que se abrem quando tomamos consciência das nossas operações neuronais e psíquicas, como os limites e riscos latentes que podem restringi-las. A compreensão filosófica e científica da vida neuronal que ele desenha, tanto ao considerar a plasticidade positiva como a sua contrapartida negativa, é inovadora ao insistir na posição política da nossa subjetividade que está em jogo. Uma postura que nos convida a podermos resistir tanto às exigências do capitalismo como à frieza perante o sofrimento do outro, do outro, que caracterizam o nosso tempo.

Hoje, vinte anos nos separam da publicação francesa de *O que fazer com o nosso cérebro?*, a primeira incursão de Malabou no diálogo entre a filosofia e a neurociência. Vinte anos que deixaram a sua marca em ambos os domínios e que hoje sugerem novas vias para continuar a explorar os alcances e os limites da plasticidade. Destacam-se os trabalhos que defendem epistemologias decoloniais, no caso da filosofia, e abordagens corporais, no caso da neurociência. Dois caminhos que, lidos em uma interseção semelhante à que Malabou efetuou entre os diferentes discursos que constituem a sua proposta, podem sugerir formas inovadoras de explorar o real.

Referências

- BHANDAR, Brenna and Jonathan Goldberh-Hiller. *Plastic Materialities: Politics, Legality, and Metamorphosis in the Work of Catherine Malabou*. Durham and London: Duke University Press, 2015.
- BUSTOS GAJARDO, Gustavo. “El peso de la materialidad en la escritura y el pensamiento de Jacques Derrida”, *Pensamiento. Revista de Investigación e Información Filosófica* 76, núm. 289 (2020): 251–276.
- CASTELLANOS, Nazareth. *Neurociencia del cuerpo. Cómo el organismo esculpe el cerebro*. Barcelona: Editorial Kairós, 2022.
- COHEN, Tom Cohen (ed.). *Telemorphosis: Theory in the Era of Climate Change*. Ann Arbor: Open Press Humanities, 2012.
- COOLE, Diana, and Samantha Frist (eds.), *New Materialisms. Ontology, Agency, and Politics*. Durham and London: Duke University Press, 2010.
- DAMASIO, Antonio. *La sensación de lo que ocurre. Cuerpo y emoción en la construcción de la conciencia*. Barcelona: Editorial Planeta, 2002.
- DAMASIO, Antonio. *En busca de Spinoza: Neurobiología de la emoción y los sentimientos*. Barcelona: Crítica, 2005.
- DAMASIO, Antonio. *El error de Descartes. La emoción, la razón y el cerebro humano*. Barcelona: Planeta, 2018.
- DAMASIO, Antonio. *Sentir y saber: El camino de la conciencia*. Barcelona: Ediciones Destino, 2021.
- DERRIDA, Jacques. *De la gramatología*. México: Siglo XXI Editores, 1971.
- ESSLIN, Martin. *El teatro del absurdo*. Barcelona: Seix Barral, 1966.
- GARCÉS, Marina. *Escuela de aprendices*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2020.
- HARLOW, John Martyn. *Recovery from The Passage of an Iron Bar Through The Head*. Boston: David Clapp & Son, 1869.
- HAUKEDAL, Rasmus Sandnes. “Disturbance and Destruction: The Aetiology of Trauma”, *Culture, Theory and Critique* 61, no. 1 (2020): 22-36.
- JOHNSON, Christopher. *System and Writing in the Philosophy of Jacques Derrida*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- MACMILLAN, Malcolm. "Restoring Phineas Gage: A 150th Retrospective", *Journal of the History of the Neurosciences* 9, núm. 1 (2000): 46-66.
- MALABOU, Catherine. *Plasticité*. Paris: Éditions Leo Sheer, 2000.
- MALABOU, Catherine. *¿Qué hacer con nuestro cerebro?* Madrid: Arena Libros, 2007.
- MALABOU, Catherine. *Plasticidad en el atardecer de la escritura. Dialéctica, destrucción y deconstrucción*. Vilaboia: Ellago Ediciones, 2008.
- MALABOU, Catherine. *La plasticidad en espera*. Santiago de Chile: Palinodia, 2010.
- MALABOU, Catherine. *Los nuevos heridos. De Freud a la neurología -pensar los traumatismos contemporáneos*. México: Paradiso Editores, 2018.
- MALABOU, Catherine. *Ontología del accidente. Ensayo sobre la plasticidad destructiva*. Santiago: Pólvora Editorial, 2022.
- MALABOU, Catherine. *Plasticity. The Promise of Explosion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.
- MALABOU, Catherine and Noëlle Vahanian. "A Conversation with Catherine Malabou", *Journal for Cultural and Religious Theory* 9, núm. 1 (2008): 1-13.
- MASÓ, Joana. "Catherine Malabou: La plasticidad—O cómo cambiar de accidente y alteridad", en *Filosofías Post-metafísicas. 20 años de filosofía francesa contemporánea*, Laura Llevadot y Jordi Riba (coords.). Barcelona: Editorial OUC, 2012.
- NANCY, Jean-Luc. *El intruso*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- PRATI, Renata. "Enfermedad mental y plasticidad. Neurociencias, psicoanálisis y crítica cultural en Catherine Malabou", *Revista de Humanidades* 39, (2019): 47-75.
- RAMÍREZ-BERMÚDEZ, Jesús. *Un diccionario sin palabras y tres historias clínicas*. México: Almadía, 2016.
- RAMÍREZ-BERMÚDEZ, Jesús. *La melancolía creativa*. México: Debate, 2022.
- RUSSEL, Francis. "Brain Power: Cruel Optimism and Neuro-Liberalism in the Work of Catherine Malabou", *Culture, Theory and Critique* 61, núm. 1 (2020): 64-78.
- SACKS, Oliver. *El hombre que confundió a su mujer con un sombrero*. Barcelona: Anagrama, 2002.
- WATKIN, Christopher. *French Philosophy Today. New Figures of the Human in Badiou, Meillassoux, Malabou, Serres and Latour*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.
- WILLIAMS, Tyler M. "Plasticity, in Retrospect: Changing the Future of Humanities", *Diacritics* 41, no. 1 (2013): 6-26.
- ŽIŽEK, Slavoj. "Descartes and the Post-Traumatic Subject: On Catherine Malabou's *Les Nouveaux blessés* and Other Autistic Monsters", *Qui Parle* 17, núm. 2 (2009): 123-147.

Recebido em: 11-02-2024

Aprovado em: 13-04-2024

Ainhoa Suárez Gómez

Doutora em Filosofia pela Universidade em Kingston em Londres e professora em Teoria Crítica por esta mesma instituição. Tem também uma licenciatura em História pela UNAM. Investiga sobre o silêncio, a linguagem, o corpo e o

movimento. Deu aulas e conferências em universidades do México, Reino Unido e Canadá. É escritora de ensaios literários publicados em revistas digitais e impressas, e colaboradora na revista *Nexus*. Foi credora da bolsa de excelência Fundação UNAM-Alfredo Harp Calderoni (2012), da bolsa de estudos Jovens Criadores de Fonca na área de ensaio criativo (2016-17), da bolsa de estudos O'Gorman de pesquisa para jovens em teoria da história (2018) e da bolsa conjunta Conacyt-Fonca para estudos no estrangeiro (2018), entre outras.